

DE 1513 ATÉ À MANHÃ DE 13 DE OUTUBRO NA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Em “O Príncipe” (palavra que designa todos os governantes), a política não é vista através de um fundamento exterior a ela própria (como Deus, a razão ou a natureza), mas sim como uma actividade humana. O que move a política, segundo Maquiavel, é a luta pela conquista e pela manutenção do poder.

Nicolau Maquiavel conclui, então, que o homem não é aquele ser pacífico e sociável, tão desejado pelos filósofos da antiguidade e pelos teólogos da Idade Média. Não é um *zoon politikon*, um *animal rationale* e so-



RICARDO CORREIA DE MATOS
PRESIDENTE
DO CONSELHO
DIRECTIVO DA
SECÇÃO REGIONAL DO CENTRO
DA ORDEM DOS
ENFERMEIROS

cial, ou um *homo politicus* – mas sim um indivíduo dominado por interesses e orientado por desejos inescrutáveis.

A ambição impulsiona a acção dos humanos para as mais diversas direcções e realiza-se nos mais diversos motivos da avidez: a glória, a posse, o lucro, o poder. A ambição pelo poder é central: deixa de ser um vício dos poderosos e torna-se numa constante da natureza humana – antes de toda a política. Dominar o outro para não ser

dominado: eis tudo.

Maquiavel foi demitido, preso, tortu-

rado e acusado de conspiração contra a nova ordem. Estávamos em 1513. Mais de 500 anos depois, no passado dia 13, sentado na Galeria Dois da nossa Assembleia da República, desprovido do telemóvel, por ser proibida a sua posse, pude constatar o medo que a liberdade de pensamento e de acção ainda provocam na Casa da Democracia.

Já não se trata de impor racionalidade ou de liberalizar o acesso e o exercício de profissões reguladas. O principal objectivo é restringir a liberdade, a autonomia e a independência política que alguns dirigentes das Ordens Profissionais ainda mantêm na defesa das pessoas, das profissões e do interesse público. Resistiremos, porém convictos que tudo na vida tem um fim! Até a liberdade...◀